

POR QUE NINGUÉM PASSA A MÃO EM CABELO “RUIM”?

Da negação a valorização da identidade negra

GOMES, Wanessa DenyelleSousa

Universidade Estadual da Paraíba (PIBID - CNPq)

SILVA, FrancielleSueniada

Universidade Estadual da Paraíba (PIBID - CNPq)

INTRODUÇÃO

Mesmo que tardiamente, a história da África e de seus habitantes que foram trazidos para o Brasil como escravos, bem como a dos seus descendentes, foi transformada em conteúdo curricular obrigatório, e não pela obrigatoriedade, mas pela necessidade político-social de conhecer quem influenciou a nossa identidade cultural se justifica a criação deste artigo.

Compreendemos que o ambiente escolar é bastante propício para a discussão dessas questões, uma vez que seus integrantes encontram-se na fase de formação de opinião e de identidade. Pensando nessas questões, foram elaboradas as leis federais nº 10.639/2003 e a nº 11.645/2008, que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional para incluir, obrigatoriamente, no currículo oficial da Rede Pública e Privada de Ensino, a temática “História e Cultura afro-brasileira e indígena”. Assim, desenvolvemos nosso trabalho com base nessas leis e na afirmativa que ressalta a importância da educação em prol do exercício da cidadania, que diz que “o ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente” (ANTUNES, 2003, p. 15).

Este trabalho foi fruto de uma sequência didática aplicada no projeto *Literatura e Afrodescendência: o que há por trás disso?*, que teve como objetivos gerar uma abordagem intercultural do processo de ensino e da aprendizagem de língua portuguesa sob a luz da temática afrodescendente, incentivar o processo de relações étnico-raciais, bem como construir uma proposta educativa baseada no respeito à diversidade cultural. O projeto foi desenvolvido em forma de curso na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada no bairro do Santo Antônio, na cidade de Campina Grande, Paraíba, e financiado pelo Programa Institucional de Bolsas

de Iniciação à Docência – PIBID. Durante o curso discutimos junto com alunos do ensino médio questões relacionadas à realidade social, política e econômica do cidadão afro-brasileiro a partir do estudo com língua e literatura. Nesta sequência didática em particular trabalhamos questões voltadas à estética negra, suas características, sua origem, assim como a aceitação e a valorização da beleza da mulher negra.

Com a literatura de temática afro-brasileira surgiu a oportunidade de trabalharmos em sala de aula questões que a até hoje estão presentes tanto na literatura quanto na sociedade, e uma delas é a estética negra como um ícone de identificação racial. A proposta apontada aqui é discutir alguns dos motivos que levam a negação das características negras, os estereótipos de beleza construídos pela “estética da moda e do mercado”, como construir uma auto identificação com as características negras e a ancestralidade africana, e como promover a valorização racial a partir do conhecimento/descobrimto de suas origens.

Esse artigo terá como objeto de análise o conto *Incidente na Raiz*, que está presente no livro *Negros Em Contos*, de Cuti, e o livro *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, que trazem a relação de mulher/menina com seus cabelos. Sabendo que o corpo e o cabelo são dois fortes ícones identitários e ao longo dos tempos ambos foram tomados pela cultura como uma representação social de beleza, e, nessas obras, além do corpo com fortes características negras, o cabelo crespo também é motivo de insatisfação, e essa relação é abordada de maneiras diferentes nos textos analisados. Esse artigo propõe-se a discutir a negação, a identificação e a revalorização desse ícone de beleza em busca de uma construção da identidade negra no Brasil a partir da contribuição da literatura.

E como o ambiente escolar se mostra bastante favorável para a discussão acerca das minorias étnico-raciais, uma vez que os jovens que integram esse meio encontram-se na fase de formação de opinião e de identidade, desenvolvemos e aplicamos uma sequência didática em que os alunos pudessem refletir sobre essas questões através da comparação entre esses dois textos literários, pois como afirma Candido (2006, p. 30):

a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.

Sendo assim, esse tipo de estudo proporciona uma reflexão baseada no questionamento da figura que o negro representa na sociedade e na literatura afro-brasileira; no estímulo a uma valorização racial a partir da auto-identificação com os

povos africanos, e, principalmente, numa valorização racial que mostre a beleza da estética negra, valores estes discutidos, observados e resgatados na sala de aula.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A literatura não tem cor, mas o povo brasileiro sim

O surgimento da literatura afro-brasileira é caracterizada como um modelo de resistência, uma forma engajada, por estar a serviço de uma causa político-ideológica ao reivindicar o reconhecimento do povo afrodescendente, como forma de tornar visível uma cultura marginalizada. O estereótipo criado pela sociedade direcionada ao povo negro era o de inferior, subversivo e incapaz, em que o “negro torna-se então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica” (MUNANGA, 2009, p. 24). Ou seja, por meio dos estereótipos há uma desfiguração da capacidade intelectual e moral do negro em relação aos demais.

Por isso, a literatura afro-brasileira é a busca de um grupo oprimido que sai para a luta por seus direitos, sendo, através do escritor de ficção ou de poema, que o povo ganha voz, pois o autor fala de sua posição de sujeito afrodescendente e da condição do seu povo renegado nos vários âmbitos que dominam o país, e busca um repensar sobre a importância desses cidadãos na sociedade com a quebra dos estereótipos existentes. Pois, mesmo o negro não estando mais preso à escravidão, ele estava

vitimado por uma intensa pobreza e preconceitos e não protegido por qualquer política de integração à sociedade, ficou à margem dos projetos de identidade nacional ou neles só pode figurar enquanto força de trabalho, que sustenta a mesma ordem que o excluí (FONSECA, 2010, p. 90).

E uma forma de inverter essa situação de exclusão é através da literatura e, mais efetivamente, por meio da introdução do ensino de literatura afro-brasileira, visto que esta contribui para o resgate da cultura negra que originou os costumes e a sociedade afrodescendente, como também, mostra a contribuição dessa cultura nos meios social, econômico e político na história do Brasil.

O trabalho com a literatura afro-brasileira também tem o objetivo de incentivar uma consciência étnica e reflexiva sobre as condições não só dos afrodescendentes na

literatura como também da posição desses sujeitos em inúmeros cenários sociais, para que, a partir disso, possa haver o reconhecimento e a afirmação da existência que vai além da história. Dessa forma, podemos pensar numa literatura construída por esses afro-brasileiros, e que tenham esses mesmos afro-brasileiros como protagonistas, o que pode levar a caminhos geradores de importantes pesquisas que tornem “cada vez mais abrangentes não só as reflexões sobre a literatura brasileira, mas também sobre as relações de nossa literatura com outras literaturas nacionais” (HATTNER, 2009), ampliando as condições de pesquisa e trabalho.

1.2 Por que ninguém passa a mão em cabelo “ruim”? O negro, a estética e seus conflitos

A identidade negra foi construída a partir da discriminação de uma sociedade que via o negro como desumanizado, como mercadoria, como inferior, como feio. O corpo do negro, por vezes, recebeu denominações que o menosprezava: se o branco tinha cabeça, cabelo, lábios, nariz e pele, o cidadão afro respectivamente tinha carapina, pixaim, beijo, venta e lustro, o que resultou em uma imagem distorcida que humilhava e ridicularizava o negro. Segundo Nelson Inocêncio:

Na cultura visual brasileira, o corpo negro aparece como a antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há de mais caricato, como se ele existisse justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo negro amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos porque sua leitura está vinculada a comparações que o animalizam. (2006, p.185)

Considerando essa realidade, como podemos esperar que o negro se aceite, se identifique, e valorize suas características estéticas? É necessária uma desconstrução dessa imagem, possível através de uma educação que promova a divulgação e discussão de uma ancestralidade africana que vê o belo exatamente nessas formas que são inaceitáveis na estética brasileira: o cabelo crespo, os lábios grossos, o nariz largo, a pele escura, devem ser vistos como diferentes, como mais uma raça que compõe o povo brasileiro, mas não como inferiores. No entanto, isso só ocorre se houver um conhecimento das suas origens africanas, pois segundo Santos:

“A caracterização de uma estética negra acontece a partir da apresentação de elementos naturais fenotípicos que remetem a uma ancestralidade africana, os cabelos crespos, a epiderme escura, traços do rosto, até formatos de corpos são enxergados como elementos identificadores da beleza do sujeito negro”

Isso revela que ser negro no Brasil é mais do que ter elementos estéticos que o caracterizem como tal, é tornar-se negro a partir de uma auto-identificação, e sendo o cabelo um significante de raça no Brasil, em especial entre as mulheres, e como o conjunto entre rosto e cabelo define a pessoa e a cultura a qual pertence, são necessárias medidas afirmativas que promovam essa valorização racial por parte do povo afro-brasileiro, que, mesmo não assumindo essa estética da moda e do mercado, é a que mais se aproxima da população do nosso país, fazendo com que as pessoas negras tenham uma convivência dolorosa com o próprio corpo, tendo que negá-lo diariamente.

1.3 O espaço escolar e a cultura afro-brasileira

A abordagem da temática afro-brasileira aliada ao ensino de diversas disciplinas, no nosso caso, a de língua portuguesa, é capaz de incitar nos alunos-cidadãos uma reflexão acerca da temática estudada e, assim, promover debates e discussões com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos educandos bem como valorizar a cultura afrodescendente, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade. A lei 11.645/08 tem a função de valorizar as culturas afro-brasileira e indígena e diminuir o preconceito, através da educação, contra os sujeitos que a elas pertencem.

Para isso, é necessário que a escola valorize e respeite as diferenças existentes neste espaço. Por meio de projetos pedagógicos e de outros processos metodológicos a escola pode apresentar aos alunos as diversas culturas existentes, entre elas, a afro-brasileira, para iniciar um processo que contribuirá para o crescimento histórico, intelectual, étnico-racial e social do educando, como também para uma possível diminuição do preconceito contra os negros, que ainda é visivelmente constatado em nossa sociedade.

Assim, o espaço escolar passa a ser reconhecido como um local “coletivo de aprender e conhecer, respeitar e valorizar as diferenças, o que é fundamental para a construção de uma identidade dos envolvidos no processo educacional” (Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais, 2008, p.79).

2. ANÁLISE DOS DADOS

A sequência didática foi aplicada durante o primeiro semestre do ano de 2012, cuja temática abordada durante o módulo foi estética negra. O recorte feito para este artigo foi da sequência didática que debatemos sobre a identificação e valorização afro-brasileira. Nesta análise enfocaremos o resultado obtido pela comparação dos textos “*Incidente na Raiz*”, de Cuti, e “*O cabelo de Lelê*”, de Valéria Belém.

Buscando motivar a turma para a discussão da temática entramos em sala de aula com perucas estilo black Power. Perguntamos para a turma o que achavam sobre esse tipo de cabelo e o porquê. Ouvimos respostas como “diferente”, “estranho”, “feio”, “lindo”, e “ruim”. Ao ouvirmos essa última resposta questionamos a turma sobre o que seria um cabelo ruim. Nenhum dos alunos souberam explicar claramente, até que um deles percebeu que “um cabelo crespo não era ruim, mas somente diferente”. Então perguntamos “por que ninguém passa a mão em cabelo ruim?”, alguns responderam que por puro preconceito. Nesse momento pedimos para que os alunos passassem a mão nas perucas e relatassem o que sentiram.

Alguns acharam “fofo”, “macio”, “agradável”. Terminada a experiência de tocarem nos cabelos, discutimos com a turma os motivos que levaram aos adjetivos pejorativos apontados por eles no início da aula, mostramos que não existe cabelo ruim, mas sim cabelo diferente e condizente com a sua herança genética, e apontamos que muitas mulheres sofrem por não aceitarem essas características naturais. Durante a discussão alguns alunos trouxeram exemplos de familiares, amigos e conhecidos que negavam ou sofriam por não aceitar esse tipo de característica.

Em seguida, escrevemos no quadro o título do conto “*Incidente na Raiz*” e levantamos o horizonte de expectativas da turma: perguntamos o que eles achavam o que seria o incidente, sobre o que seria o conto, quais personagens poderiam estar presentes. Depois iniciamos a leitura que confirmou ou refutou as expectativas levantadas no início da atividade. Após a leitura, discutimos com a turma sobre o que tínhamos acabado de ler.

O conto de Cuti aborda a questão da estética já no título, no qual podemos notar que o sentido da palavra *Raiz* ao ser precedida por *Incidente*, que designa circunstância acidental, traz não apenas o sentido de raiz do cabelo, como também aponta para a origem da personagem Jussara, para a sua ancestralidade, o princípio, ou seja, a África.

Passando para a narrativa, temos, logo no início do texto, a negação de Jussara à sua afrodescendência: “*Jussara pensa que é branca*”. Nesta frase podemos perceber a negação que a personagem tem em relação as suas características negras devido a não identificação com a cultura negra. Essa não identificação de Jussara com sua ancestralidade acontece pela não valorização das características negras em relação à europeia.

Como já foi citado neste artigo, enquanto os brancos têm lábios e nariz, os negros possuem beijo e venta. Ou seja, os negros, além de não possuírem as características européias tão valorizadas (cabelo liso, nariz pequeno, lábios finos), também têm as partes de seu corpo desvalorizadas, consideradas como desprezíveis e sujas.

Na tentativa de negar suas raízes Jussara se torna adepta do uso de processos químicos ou caseiros para “conquistar” as características européias que tanto buscava. Numa de suas tentativas ela faz um tratamento capilar com o objetivo de deixar as raízes de seus cabelos definitivamente lisas, porém o resultado não saiu como esperado: Jussara teve uma reação alérgica ao tratamento químico e foi internada em um hospital. Ainda internada, um enfermeiro crioulo foi ver como a paciente estava; nesse momento houve a identificação: “*Tá melhor, nêga?*”. O enfermeiro identificou a jovem como negra, mesmo ela se submetendo a processos que negam a sua origem étnica. Nesse momento, Jussara desmaia.

Na fala do enfermeiro fica implícita também outra informação: se retirarmos o acento da palavra *nêga*, temos *nega*, dessa forma podemos concluir que essa frase reafirma toda a ação do conto: a de que Jussara é uma afro-brasileira que nega suas raízes, sua ancestralidade.

Terminada a discussão, lemos e, junto com a turma, analisamos oralmente o livro *O Cabelo de Lelê*. Os alunos puderam observar que em Lelê também existia a insatisfação relacionada ao cabelo crespo, pois já começa com a frase: “*Lelê não gosta do que vê*”. E a ilustração mostra a personagem com cabelos muito longos e cheio de cachos, o que leva o leitor a ver porque Lelê não gosta do seu cabelo, podendo também pensar como ela, e não gostar do que ver. A menina então se pergunta por que ela tem tantos cachos e de onde eles vêm. Ao contrário de Jussara, que nega e não procurar saber a origem do seu cabelo crespo, Lelê vai em busca de suas origens e tenta entender de onde vêm tantos cachinhos, encontrando a resposta em um livro que conta a história do povo africano, que, diferente dos brasileiros, tem uma relação de amor com os

cabelos crespos, como é mostrado no trecho: *“Depois do Atlântico, a África chama/ E conta a trama de sonhos e medos /De guerras e vidas e morte no enredo/ Também de amor no enrolado cabelo”*. A relação com o cabelo é outra e a personagem passa a ter outras referências, dessa vez boas, pois, como é exposto na ilustração do livro, existem várias formas de enfeitar e usar aquele cabelo tão grande e cheio.

Lelê passa a identificar-se com a ancestralidade africana, que valoriza esses tipos de características físicas, tem sua auto estima fortalecida por uma ancestralidade negra, o que gera um vínculo com a historicidade de suas origens, recriando sua identidade cultural, passando assim a se aceitar: *“Lelê gosta do que vê/ Vai à vida, vai ao vento/ Brinca e solta o sentimento.”*

Quando Lelê *“Descobre a beleza de ser como é/ Herança trocada no ventre da raça/ Do pai, do avó, de além-mar até/O negro cabelo é pura magia”* reconhece sua origem e percebe que pertence à raça negra, que seus cabelos são parte de uma herança genética vinda da África, e transforma sua insatisfação em auto identificação racial, então, a personagem passa a se valorizar *“Lelê ama o que vê.”*

E o livro termina com a pergunta para o leitor *“E você?”*. Deixando em aberto as questões: você também ama o que vê? Conhece suas origens? Se aceita e se valoriza em sua diferença?

Em seguida, pedimos para que os alunos fizessem uma análise comparativa entre as duas personagens. Os comentários foram os seguintes: G. H.: “Jussara quer tirar a todo custo as suas características negras, por que tem vergonha. Ela não percebe que é igual à Lelê, que aprendeu a amar seu rosto, sua boca, seu cabelo”; F. A.: “Jussara quer ser uma pessoa que ela não é, quer mudar completamente suas característica, já Lelê gosta do seu cabelo natural”; H. P. T.: “Jussara desvaloriza sua origem, quer mudar o nariz, o cabelo, a boca, quer até ter um namorado branco, ela queria ser branca, porque não sabia das suas origens” “As duas são de origem negra, mas como Lelê descobriu isso, sentiu orgulho do que era”; E. T.: “Eu gosto do que vejo, eu tenho cabelo crespo, e também é cabelo, e posso fazer vários penteados, adoro quando faço rabo de cavalo e fica cheio de cachos”; V. C. S.: “Lelê não escondia suas raízes”.

Com essa atividade conseguimos fazer com que os discentes compreendessem, conhecessem, aceitassem e valorizassem suas raízes, e a partir dessa reflexão pudemos promover um discurso de respeito ao diferente e à diversidade dos povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarem o comportamento diferenciado entre Jussara e Lelê, os alunos compreenderam que a identificação se dá através do conhecimento das origens de cada indivíduo.

Jussara e Lelê estão representando cada uma de nós mulheres que em algum momento já sofreu o drama de não aceitar os cabelos crespos, talvez não na intenção de negar as origens negras, mas como uma forma de ser aceita por uma sociedade que determina padrões estéticos exclusivamente europeus.

Assumir um cabelo crespo é assumir não só a naturalidade, mas também é assumir, conhecer e reconhecer suas origens, é assumir referenciais de beleza afro, é assumir uma visão positiva da africanidade. E a literatura, como um elemento que provoca reflexão por meio dessas duas obras, vem reforçar a proposta de valorização racial, de auto identificação e promoção de um pensamento de respeito ao diferente e à diversidade de povos.

Referências

AMÂNCIO, Iris Maria C.; GOMES, Nilma L.; SANTOS JORGE, Mirian Lúcia. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

CANDIDO, Antonio, **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofoá. **Corpo negro na cultura visual brasileira**. Educação Africanidades Brasil, v.1, Brasília: CEAD, 2006.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.